

SCHILLER NO BRASIL

Reinaldo Bossmann
Universidade do Paraná

Quando Schiller, em 9 de maio de 1805, ainda relativamente jovem, fechou os olhos para a eternidade, a Alemanha lamentou a perda do mais alemão de seus poetas e o mundo um dos maiores idealistas.

A fortuna não lhe sorriu no berço; o seu caminho foi o da pobreza, das privações, dos duros e amargos desapontamentos. Nenhum dos desesperados efeitos de um ambiente inacessível foram poupados ao homem em nenhum momento de sua vida. Sobre a nua realidade de uma vida espinhosa, semeada de situações desfavoráveis, Schiller construiu seu paraíso poético, cujas estrêlas-guia não perdiam jamais seu eterno brilho: um idealismo animado, pleno de sacrifícios, um furioso ímpeto para a liberdade, uma íntima e forte confiança em Deus, a fé em um mundo melhor, um sutil entendimento da relação de Criador e Natureza, a certeza sobre seres, leis e formas de apresentação do belo, do bom e do verdadeiro, com tôdas as suas influências sobre o homem. Ligou sua obra com as últimas e mais altas exigências: clareza e certeza sobre os fins do homem, como sobre os fins da arte.

De obra para obra Schiller tinha a percepção, de que lhe restava pouco tempo, lutando contra a saúde cada vez mais precária, em uma linguagem plena da graça de Deus, impregnada do fogo idealista e entusiasta, carregada da solene dignidade do Clássico e da seriedade dos poetas antigos.

Como poeta, Schiller viveu na sombra, mesmo quando na sombra muito luminosa de seu contemporâneo Goethe.

Isso teria sido, talvez, um capricho do destino contra êle, mas para a poesia alemã, a colaboração de Goethe e Schiller culminou no florescimento do classicismo, o século de Goethe, do qual Schiller não pode ser excluído. Os anos de amizade e fecunda produção poética recíproca trouxeram para a literatura germânica a mais valiosa contribuição. A melhor escala para a magnitude e a qualidade de Schiller como poeta e homem, é dada por sua vida e obras ao lado do gigante Goethe. De natureza inteiramente diversa da de Goethe, êle reconheceu, sem inveja, o valor titânico do poeta de "Fausto", conservou e proclamou sempre sua maneira própria, sua individualidade poética, seu autêntico idealismo, conforme as exigências da consciência e do dever, independente da grandeza de Goethe.

O poeta Schiller ficou, injustamente, pouco conhecido no Brasil. Deverá ser ainda descoberto e valorizado como clássico, dramaturgo, historiador, idealista e poeta do pensamento filosófico.

Enquanto Goethe e Rainer Maria Rilke gozam de grande conceito na vida espiritual brasileira, encontra-se nenhum traço ou muito raros de Schiller. A pergunta, por que a obra de Schiller se mantém no esquecimento no Brasil ou por que passou aqui despercebida, tem sua razão de ser. Não pode repousar sobre o fato de que Schiller teria, talvez, para os brasileiros, uma acentuação excessivamente germânica. Abstraindo essa acentuação, êle tem destacados valores de universalidade. Seu ideal de liberdade interior e exterior do homem deveria falar intimamente ao povo de Rui Barbosa; pois que em sua história se alinha, elo a elo, à extraordinária cadeia dos feitos pela independência. Como exemplo, mencionem-se somente, a Inconfidência Mineira com Tiradentes, e o Grito do Ipiranga. Por isso um novo amante da liberdade deveria ouvir, antes de qualquer outro, o apêlo à liberdade de um poeta da liberdade.

Na linguagem de Schiller, também, o brasileiro descobriria tons muito familiares. Ela esboça valores de expressão

estilística na escala entre pensamentos como experiências e experiências como pensamentos, entre fantasia e sentimento, entre o individual e o geral, entre conceito e observação, entre regra e percepção, entre o sentido técnico e gênio, entre poesia e filosofia, entre imaginação e abstração. Schiller alcança efeitos estético-musicais através do forte uso das antíteses, através da gravidade dos ritmos, do seu pendor para a pensativa contemplação, através do adorno metafísico e da vivificação sensorial do fundo abstrato. Sentimentos e expressões idênticos aparecem na linguagem do brasileiro facilmente entusiasmável, com uma ênfase apaixonada, rica de antíteses e mobilidade.

Partes da obra de Schiller foram introduzidas no Brasil, através de traduções, na segunda metade do século passado. Como excelentes tradutores e conhecedores de Schiller, destacam-se Tobias Barreto e o grande poeta Antônio Gonçalves Dias. Dêste temos “A noiva de Messina”. Infelizmente ainda nos falta uma tradução das obras completas de Schiller.

Quando, geralmente, o mundo hoje pouco se preocupa com esse grande poeta, tal não significa que Schiller, ilustre clássico, nada mais tenha a lhe dizer, mas deve-se ao crescente materialismo, e ao catastrófico desaparecimento dos Ideais.

Possam os festejos do centésimo-quinquagésimo aniversário da morte do poeta trazer à Humanidade a reflexão sobre os ideais de Schiller em “Die Worte des Glaubens”:

Drei Worte nenn ich euch, inhaltsschwer,
Sie gehen von Munde zu Munde,
Doch stammen sie nicht von aussen her,
Das Herz nur gibt davon Kunde;
Dem Menschen ist aller Wert geraubt,
Wenn er nicht an die drei Worte glaubt.

Der Mensch ist frei geschaffen, ist frei,
Und würd er in Ketten geboren,
Lasst euch nicht irren des Pöbels Geschrei,
Nicht den Missbrauch rasender Tore;
Vor dem Sklaven, wenn er die Kette bricht,
Vor dem freien Menschen erzittert nicht.

Und die Tugend, sie ist kein leerer Schall,
Der Mensch kann sie üben im Leben,
Und sollt er auch straucheln überall,
Er kann nach der göttlichen streben;
Und was kein Verstand der Verständigen sieht,
Das übet in Einfalt ein kindlich Gemüt.

Und ein Gott ist, ein heiliger Wille lebt,
Wie auch der menschliche wanke,
Hoch über der Zeit und dem Raume webt
Lebendig der höchste Gedanke;
Und ob alles in ewigem Wechsel kreist,
Es beharret im Wechsel ein ruhiger Geist.

Die drei Worte bewahret euch, inhaltschwer,
Sie pflanzet von Munde zu Munde,
Und stammen sie gleich nicht von aussen her,
Euer Innres gibt davon Kunde;
Dem Menschen ist nimmer sein Wert geraubt,
So lang er noch an die drei Worte glaubt.